

Aspectos terminológicos da tipografia

Milena Marcelino Mendonça*

Cleomar Rocha**

Os nomes usados para determinar partes dos tipos são diversos e por muitas vezes fazem uma designação anatômica quando o mais correto seria a morfológica. Além desse problema, muitos termos são usados para descrever uma determinada parte do caractere, variando de autor, ou até mesmo apenas entre livros do mesmo autor. Por isso é importante que se faça uma normalização dos termos técnicos tipográficos para a língua portuguesa para minimizar os problemas de compreensão que os diferentes nomes geram nos alunos de tipografia.

INTRODUÇÃO

Esse artigo é um das etapas de execução do Atlas Morfológico de Tipos que objetiva fazer uma adaptação à língua portuguesa dos termos referentes às partes dos caracteres tipográficos. A tipografia, estudo e aplicação dos tipos gráficos, como área em consolidação, padece de problema que se faz notar quando da aproximação de um estudioso com a área: as denominações para os elementos morfológicos dos tipos. Os autores estudados não mantêm um padrão entre os nomes para as partes de um tipo. Esse problema não atinge somente a língua, mas também no resto do mundo, inclusive na Europa, onde surgiu a primeira família tipográfica do alfabeto latino.

* Aluna de graduação curso de Design - com Habilitação em Comunicação Visual com ênfase em Meios Digitais

** Doutor em Comunicação e Culturas Contemporâneas (UFBA), Mestre em Arte e Tecnologia da Imagem (UnB), especialista em Gestão Universitária (UNIFACS) e Licenciado em Letras pela FECLIP/UEG. Professor titular e coordenador dos cursos de graduação em pós-graduação em Design da UNIFACS e presidente da ANPAP - Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas.

O maior motivo da grande variedade de termos para os elementos tipográficos pode ser justificado através de uma revisão histórica. Durante os anos que passaram desde que Gutenberg criou a primeira família de tipos em metal para a composição da Bíblia no século XV, uma grande variedade de termos foi adotada em diferentes idiomas para designar as estruturas dos tipos, sendo comum que se criassem novos nomes com palavras de origem francesas, alemã, inglesa e também do latim, e alguns desses nomes serem adaptações da prática caligráfica. “Com o advento das tecnologias digitais, muitos desses termos continuaram em uso, embora nem sempre com o mesmo significado” (FARIAS, 2004, s/p).

Em seu artigo “Notas para uma normatização da nomenclatura tipográfica” Farias (2004) cita Gaskell (1976) afirmando que as primeiras tentativas de sistematização dos termos, na língua inglesa, aconteceram em 1683, e em 1976 ainda não havia um “sistema completamente codificado” e “auto-suficiente” para descrever os elementos tipográficos do modelo romano. A importância dessa normatização ainda é explicitada por Catherine Dixon que afirmou, na Friends of St. Bride Conference (2002), que “a nomenclatura é uma das áreas mais controversas do campo do design de tipos, e precisa ser abordada”. (*apud* FARIAS, 2004, s/p)

Atualmente, em língua portuguesa, não existe uma terminologia de uso comum entre os autores e as definições nem sempre são precisas, acontecendo de um termo possuir diferentes significados. No Brasil, o vocabulário descritivo da morfologia dos tipos teve seu desenvolvimento através dos responsáveis pela composição de textos com tipos feitos em madeira ou metal. Nos estudos acerca do assunto se observa que são feitas traduções dos termos, sendo que, em algumas situações, verifica-se a manutenção do termo de origem estrangeira.

Para demonstrar mais claramente a gravidade do problema da inexistência de um senso comum entre os estudiosos da área específica abordada, foram coletados dados

entre alguns títulos em língua portuguesa que se apresentam uma análise das partes do tipo, e, encontrado os maiores problemas, esses foram relacionados e analisados.

Faz-se necessária uma normalização das nomenclaturas por se observar que os alunos que começam a estudar a morfologia do tipo, encontram grandes obstáculos para assimilar os nomes com as estruturas, uma vez que há poucos estudiosos nessa área de atuação e muitos termos diferentes variando até em um único livro. A falta de uniformização terminológica desencadeia a ausência de referências técnicas, ou terminologia específica, gerando dificuldades de compreensão e mesmo de interação dos pesquisadores.

ELEMENTOS DO TIPO

O maior problema observado diz respeito à anatomia do tipo. A grande maioria dos autores fazem uso da terminologia anatômica quando o mais adequado seria uma terminologia morfológica. Essa questão pode ser observada no artigo de Silva (2005), onde ele aponta que “os termos utilizados para descrever as letras não são diferentes dos termos utilizados para descrever nossos corpos” (CARTER *apud* SILVA, 2005, s/p). Enquanto Baer acredita que “a morfologia (do grego *morphe*/forma – *logos*/estudo) dos caracteres, como diz a própria palavra, examina os elementos constituintes dos tipos, para analisar e descrever sua forma total” (1995, p.37). Os elementos em que foram encontrados uma grande diversidade de nomes dizem respeito a: o espaço interno dos caracteres; os traçado curvilíneo que fecha o caractere; ao traço inferior diagonal das letras R, X e K; aos terminais; e as hastes e barra, traços compositivos fundamentais para a estrutura dos tipos.

A anatomia do tipo, diz respeito ao tipo móvel em metal ou madeira, ou seja, o tipo em sua tridimensionalidade, e a tecnologia de composição e impressão tipográfica. Quando se fala em olho de um tipo de metal, por exemplo, é sobre a parte que recebe a

tinta e marca o caractere no suporte, a barriga é a largura do caractere com a margem e corpo a altura com entrelinha.

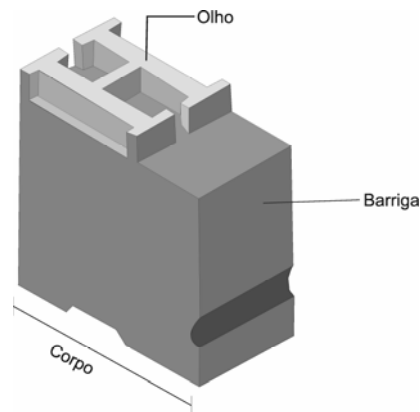


Figura 01

A morfologia deve ser aplicada quando se trata de um tipo bidimensional que são obtidos através das tecnologias de impressões atuais, como off-set e digital. Por essas serem as formas de impressão mais usadas nos dias de hoje, e por isso a impressão tipográfica ter entrado em desuso, a descrição morfológica é a forma correta de se tratar do caractere tipográfico.

Um dos elementos que é possível observar essa diversidade e divergência de opinião diz respeito ao espaço interno dos caracteres. Em Farias, o termo olho é designado de “área branca completa ou parcialmente fechada pelos traços de uma letra”. (2004, s/p). Essa mesma explicação é dada por Niemeyer (2001) e Baer (1995) para oco ou vazio, enquanto Rocha (2003a) faz uso do nome em língua inglesa, permanecendo sem tradução, *counter*, e em “Tipografia Comparada” (2004) os nomes usados são olho e miolo, dependendo da família a qual ele se refere. Já Bringhurst (2005, p.360) classifica de miolo “espaço em branco envolvido por uma letra, seja totalmente, como as letras *d* e *o*, seja parcialmente, como nas *c* e *m*”, sendo também possível chamar de vazio. Para Ferlauto (2003), assim como Cláudio Rocha, chama esse espaço de *counter*. Em “Produção Gráfica”, Baer afirma que “O *olho* do caractere é tudo que se vê da letra impressa. O olho equivale às reais dimensões do caractere”. (BAER, 1995, p.43)



Figura 02

Outro termo que também se observa uma grande divergência entre os autores é bojo ou barriga. Farias considera bojo “e não barriga” os “traços curvos que fecham uma área de um caractere” (2004, s/p). Niemeyer (2001), assim como Ferlauto (2003) chama essa estrutura de barriga, Baer (1995) também o faz, usando ainda o termo flexões. Bringhurst descreve bojo como “formas geralmente arredondadas ou elípticas que definem o formato básico de letras como C, G, O em caixa-alta e b, c, e, o, p e d em caixa-baixa. Também chamado de olho [...] ou *barriga*” (2005, p 354). No entanto, Rocha em Projeto Tipográfico: Análise e produção de fontes digitais (2003a e 2004) e em Tipografia Comparada (2004) aplica o termo barriga, enquanto em outro livro deste mesmo autor, A eterna Franklin Gothic (2003b) o nome usado pelo autor é *bowl*, não fazendo a tradução.



Figura 03

Também existem grandes problemas que dizem respeito à perna. Segundo Farias (2004), pernas são “traços horizontais ou inclinados em direção à linha de base como ‘K’ (parte inferior direita), ‘X’ (parte inferior) e ‘R’ (parte inferior direita)”, quando Martins (2003), em Bembo, considera esse elemento das letras R e K caudas, assim como a da letra Q, sendo que para os outros autores estudados, caudas são traços curvos descendentes, isto é, que vão aquém da linha de base.

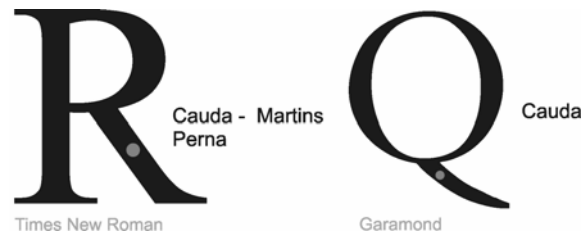


Figura 04

Bringhurst divide a definição de terminais em três termos: terminal circular “forma circular ao final do braço, perna ou bojo de letras como a, c, f, j, r, y”; terminal em gota “protuberância similar a uma gota que aparece na ponta do braço de letras como a, c, f, g, j, r e y”; e terminal pontiagudo “uma espora afiada encontrada particularmente no f, e também nas letras a, c, r, y” (2005, p.364). Para Farias, terminais são extremidades de caudas, ganchos e traços curvos, também os dividindo em três termos: abruptos “quando terminam de forma repentina, como uma pena levantada do papel, formando pontas em suas extremidades”; lacrimais “quando descrevem uma curva alongada, na forma de gota”; e circulares “quando descrevem uma forma próxima à de um círculo” (2004, s/p). Para Niemeyer (2001) e Baer (1995) o próprio terminal é chamado de gancho, ainda recebendo o mesmo nome o loop da letra ‘g’ (recebendo esse nome de todos os outros autores analisados).

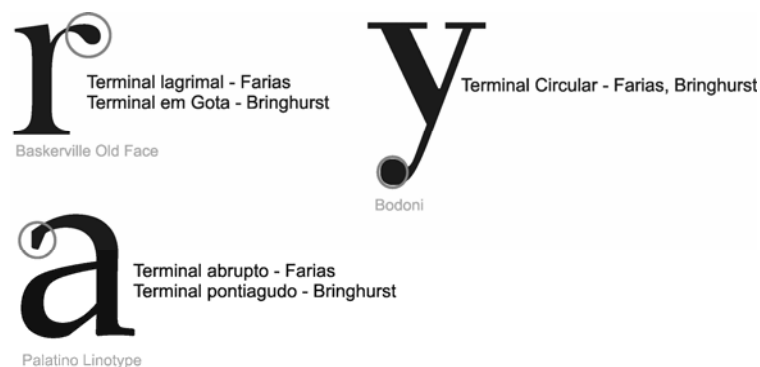


Figura 05

Em Bembo, Martins (2003) diz que as letras das letras h, m e n possuem “pernas externas”, e o mesmo faz Rocha (2004) quando desmembra a família tipográfica “Bembo”. Enquanto Niemeyer (2001) dá a essa estrutura o nome de haste ou fuste e

Ferlauto (2003) e Farias (2004), Bringhurst (2005) se referem a ela apenas como haste. “Haste traço principal mais ou menos retilíneo, que não faz parte do bojo” (BRINGHURST, 2005, p.358).



Figura 06

Em Silva , o termo linha fina é usado “para diversas partes da letra que sejam efetivamente mais finas e não para uma parte específica” (2005, s/p). Ainda cita Woolman & Bellatoni (2000) se referindo a “haste mais fina do ‘A’ maiúsculo como linha fina” e Gordon (2001) em “a barra cruzada do ‘t’ minúscula”. Essas mesmas estruturas são chamadas por Rocha (2003a, 2004), Ferlauto (2003), Niemeyer (2001) e Farias (2004) de barra, “traço horizontal que unem dois pontos de um caractere (como em ‘H’, ‘A’ e ‘e’) ou cruzam uma haste (como ‘T’, ‘t’ e ‘f’)” (FARIAS, s/p)

CONCLUSÃO

Na escassa literatura, em língua portuguesa, acerca das questões morfológica da tipografia são encontradas divergências de opinião entre os autores, sendo comum que se encontre um nome que especifica partes completamente diferentes do tipo. Essa prática costuma se tornar uma dificuldade para os alunos que estudam a disciplina de tipografia. O ideal é que seja implantada uma normalização de nomenclatura, podendo haver, uma terminologia técnica da área tipográfica, minimizando ou eliminando problemas de compreensão e repertório. Se por um lado a observação histórica indica a manutenção, como visto, de termos derivados da anatomia, já é tempo de uma revisão nestas referências, em função mesma do avanço tecnológico da área.

REFERÊNCIA

- BAER, Lorenzo. **Produção gráfica**. São Paulo: SENAC São Paulo, 1995. 280 p.
- BRINGHURST, Robert. **Elementos do estilo tipográfico**: versão 3.0. São Paulo: Cosac & Naify, 2005. 423 p.
- FARIAS, Priscila. **Tipografia digital**: o impacto das novas tecnologias. 3. Ed. Rio de Janeiro: 2AB Editora, 2001. 103 p.
- _____. Notas para uma normatização da nomenclatura tipográfica. In: P&D Design, 6º, São Paulo, 13 a 16 out. **Anais do 6º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design** (P&D Design). São Paulo: Faap. 2004
- FERLAUTO, Claudio. **B de Bodoni**. São Paulo: Rosari, 2003. 32 p.
- MARTINS, Fernanda. **Bembo**. São Paulo: Rosari, 2003. 31 p.
- NIEMEYER, Lucy. **Tipografia**: uma apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: 2AB Editora, 2001. 94 p.
- ROCHA, Claudio. **Projeto tipográfico**: análise e produção de fontes digitais. 2. ed. São Paulo: Rosari, 2003a. 126 p.
- _____. **A eterna Franklin Gothic**. São Paulo: Rosari, 2003b. 32 p.
- _____. **Tipografia comparada**: 108 fontes clássicas analisadas e comentadas. São Paulo: Rosari, 2004. 127 p.
- SILVA, Fabio. Anatomia do tipo: características físicas, origens e nomenclaturas. In: Congresso Internacional de Design da Informação, 2º, São Paulo, 08 a 10 set. 2005. **Anais do 2º Congresso Internacional de Design da Informação**. São Paulo: SENAC-SP, 2005. s/p.
- WHITE, Alex W. **Type in use**: effective typography for electronic publishing. 2nd. Ed. New York: W.W. Norton & Company, c1999. 207 p.